

Bens roubados na RPM são vendidos no Malawi

por Gil Lauriciano, da AIM

20/11/86

Os bens roubados pelos bandidos armados, nos seus ataques a aldeias, hospitais e outras infra-estruturas económicas na província da Zambézia, são utilizados para aliciamento das populações malawianas da área fronteiriça.

A fronteira comum entre Moçambique e o Malawi foi durante alguns anos, bastante benéfica para as povoações limítrofes dos dois lados. O comércio livre ao longo da fronteira comum chegou a ser discutido pelas autoridades dos dois países.

A situação começou a inverter-se em 1982, quando do Malawi, em vez das capulanas e diversa quinquilharia para troca, com o sal e peixe moçambicanos, começou a chegar a morte e o terror. Foi neste ano que começou a infiltração directa e massiva dos bandidos armados a partir do Malawi.

Contudo, o lado malawiano continua a «beneficiar» desta fronteira. As máquinas de costura, as chapas de zinco, as bicicletas, as motorizadas, roubados às populações em Moçambique, são vendidos nas povoações fronteiriças malawianas a preços muito baixos.

Vários cidadãos regressados do Malawi confirmaram ter visto muitos bens, entre chapas de zinco, mobiliário, saqueados em Luabo e Milange. «Eu quando estava lá, sempre ouvia as pessoas a falarem que isto é aquilo vem de Luabo ou Milange e via pessoas a venderem rádios e outras coisas nossas lá, mesmo comida» — contou Alhnete Elimue, natural de Morrumbala e que já esteve no Malawi.

Fernando Rengel disse à AIM ter confirmado junto das populações regressadas que a moto do estafeta da sua empresa, abatido a tiro em Setembro, na zona de Socone, distrito do Ife, estava a circular no Malawi.

O Administrador de Namarrói, Severino Mukhutuliua, disse não ter dúvidas de que os bens roubados às populações moçambicanas são encaminhados para o Malawi. «Por exemplo» — disse ele — «no dia em que nos atacaram, eles vinham divididos em grupos. Desses grupos houve um que nem experimentou entrar na linha do fogo. Logo que começou a troca de tiros, este grupo estava já por cima das casas a tirar chapas de zinco e móveis».

Muknutuliua acrescentou que «tenho a certeza de que com aquelas chapas não foram construir casas em nenhuma base aqui dentro mas sim levaram-nas para o Malawi».

Os mais beneficiados neste negócio são os régulos, administrador e outras entidades malawianas naquelas áreas.

Estes é que recebem parte considerável dos bens roubados, para além das gratificações que recebem dos patrões dos bandidos armados.

Para os bandidos e seus patrões, a «moeda forte» que recebem são as facilidades de utilizarem aquelas po-

voações como retaguarda segura nas suas acções terroristas contra Moçambique.

Os bandidos circulam impunes, com ou sem armas, à vista das autoridades do Malawi. Quando são repellidos pelas Forças Armadas moçambicanas refugiam-se em território malawiano e os feridos recebem os tratamentos necessários em postos de saúde.

Agostinho Muanekele, de 27 anos de idade, bandido armado capturado pelos grupos de vigilância a 16 de Outubro, quando tentava realizar uma missão de reconhecimento na localidade de Intupa, distrito do Gúruê, contou à AIM que fora várias vezes ao Malawi e a última acompanhou o chefe dos mambos (antigos funcionários das antigas administrações coloniais e autoridades tradicionais, que agora são os colaboradores activos dos bandidos) para ir receber tratamentos «lá no nosso hospital».

Para além destes apoios, há evidências claras de envolvimento das autoridades malawianas na planificação das acções contra as povoações fronteiriças de Moçambique. Quando se prevê um ataque, as autoridades malawianas evacuem as pessoas residentes próximo da fronteira e cortam a comunicação com a parte moçambicana.

Frequentemente, as populações que se refugiam no Malawi são contactadas pelos bandidos armados e a sua assistência é condicionada, no caso de jovens, ao ingresso nas fileiras do banditismo.